

Brasil ressurgiu no mapa da diplomacia ambiental¹

Editorial²

Nos últimos dois meses, o Brasil recebeu a visita de pelo menos quatro representantes de alto nível no cenário global do meio ambiente. Vieram checar de perto as promessas feitas pelo presidente Lula de que o país estava de volta, pronto para reforçar as fileiras em favor do ambiente, feitas ainda antes da posse, na COP27. O mais recente levantamento do Painel Internacional de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) e os episódios da crise dos yanomamis, das enchentes no litoral de São Paulo e Norte do país, além do aumento do desmatamento, mostram que há muito por fazer.

Já em janeiro, o vice-presidente executivo da Comissão Europeia, o holandês Frans Timmermans, veio ao Brasil ouvir os planos do governo Lula para conter o desmatamento, visitar a Amazônia e discutir o programa da COP28, que acontecerá em dezembro, nos Emirados Árabes Unidos. A pauta ambiental se cruza com a econômica uma vez que a União Europeia elabora duas legislações que afetam o Brasil: breçar a importação de commodities vinculadas ao desmatamento e adotar um mecanismo que vai taxar a importação de produtos conforme sua pegada de carbono.

O enviado especial dos EUA para o clima, John Kerry, chegou no mês seguinte para reafirmar a promessa do governo americano de contribuir para o Fundo Amazônia. O aporte inicial pode ser de US\$ 50 milhões, mas Kerry não confirmou o valor cogitado quando Lula esteve em Washington algumas semanas antes. Falou em quantias substancialmente maiores, mas a liberação de recursos depende das complicadas articulações políticas domésticas, e não descartou a necessidade de apelar a bancos de desenvolvimento e ao mercado de carbono.

Neste mês, o vice-premiê da Alemanha e ministro da Economia e Ação Climática Robert Habeck veio discutir o avanço do acordo União Europeia-

¹ Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2023/03/28/brasil-ressurgiu-no-mapa-da-diplomacia-ambiental.ghtml>. Acesso em: 28 de mar. de 2023.

² Editorial do Valor Econômico.

Mercosul, mas com um olho nos compromissos ambientais e no hidrogênio verde. Poucos dias depois, chegou o ministro do Clima e do Meio Ambiente da Noruega, Espen Eide, para conversar sobre o destravamento do Fundo Amazônia, do qual o país nórdico é o principal doador. O fundo, que tem atualmente cerca de US\$ 3 bilhões, ficou paralisado durante todo o governo de Jair Bolsonaro. Há 14 projetos já aprovados para receberem recursos. Eide também discutiu o aproveitamento racional e responsável dos oceanos.

Essas visitas ocorreram em um momento em que o IPCC divulgou um novo relatório em que a evolução das mudanças climáticas confirmam os piores temores, tornando mais frequentes inundações, tempestades e incêndios florestais. Quase metade da população mundial vive em regiões altamente vulneráveis. A temperatura global já aumentou 1,1°C, muito perto dos limites fixados no Acordo do Clima de Paris, assinado em 2015, quando se prometeu limitar o aumento da temperatura global a menos de 2°C, idealmente em 1,5°C. O mundo vive momentos decisivos para atingir essas metas. Mas 80% da energia do mundo ainda vem de fontes fósseis, e a invasão da Ucrânia pela Rússia complicou a missão.

Na próxima reunião global sobre o tema, a COP28, os países deverão atualizar seus compromissos para questões como as emissões de gases de efeito estufa, a substituição de combustíveis fósseis e o combate ao desmatamento.

Nessas frentes, os números do novo governo não são auspiciosos. O sistema Deter, que faz monitoramento por satélite para reunir informações em tempo real, registrou aumento de 62% no desmatamento na Amazônia em fevereiro em comparação com o mesmo mês de 2022, e de 97% no Cerrado em comparação com 2020, ano do recorde anterior. Há uma discussão se a presença de nuvens nesses meses de período chuvoso nas duas regiões afetou a comparação. De toda forma, especialistas afirmam que o novo governo está demorando a atuar. A grave questão indígena, outro ponto que deverá ser alvo de esclarecimentos na COP28, tem concentrado a atenção do novo governo.

Será ainda a oportunidade para o atual governo colocar em pratos limpos as informações distorcidas pela equipe de meio ambiente do governo Bolsonaro que apelou para artimanhas, como mudar a base de comparação, para dizer que estava se esforçando para atingir as metas de desmatamento e facilitar os compromissos futuros, e recuperar a credibilidade dessas estatísticas para justificar o interesse global.